

# CARTAS DA BÉLGICA NUMA ENCRUZILHADA

Um sol em arco-iris--Extremistas, federalismos, etc.--Para onde vai a Bélgica?--Se a história fosse... história

**BÉLGICA, 29 DE JANEIRO**  
Não deixa de ter a sua dificuldade resumir com clareza, nas exiguas linhas duma carta, a complicada idiosincrasia flamenga.

E' que a alma da Flandres, no particular aspecto que ora nos prende a atenção, tais cambiantes e modalidades reveste, que se nos apresenta como um arco-iris em que o sol brilhante do seu ideal se reflecte no entenebrecido céu da Bélgica -- através



Padre Verschaeve, inspirado e mimoso poeta do nacionalismo flamengo

da chuva impertinente de tantos obstáculos -- decomposto em várias e dominantes côres.

Se as applicarmos às correntes flamengas, convém ao extremismo «frontista» a cor vermelha, viva, sangrenta, revolucionária.

Com efeito, boa parte da mocidade, que tanto ama as trincheiras da vanguarda, lançou-se numa guerra aberta ao estado belga para o vencer, dominar e destruir. Para Ales a Bélgica é uma ficção, um senhor despótico que ferozmente domina -- herdeiro refinado dos antigos senhores que através dos séculos imperaram na sua querida terra Natal.

Como tal, é inimigo que é preciso degolar, asfixiar, pulverizar. Erguer-se-á uma Flandres independente, nobre, forte, senhora absoluta dos seus destinos que sonham gloriosos.

Numa cambiante dum vermelho menos sangue, mas também inquietante e perturbador, surge a columna daqueles que pugnam pela anexação da Flandres à Holanda -- numa grande Neerlandia -- e, conseqüentemente, pela integração da Valónia (e não da Polónia, como safu na última carta...) à França.

Sobressai, depois, num forte verde-esperança, a corrente mais numerosa dos flamingantes -- aqueles que, conservando um certo affecto à Bélgica, querem, contudo, um estado federal que tenha apenas, por laço comum, o mesmo Rei.

Outras côres se divisam ainda -- entre os quais também o amarelo -- mas que, por de sonenos importância, não nos interessa examinar.

Como se vê, mesmo a olho nu, não tem o movimento flamengo um programa fixo e bem determinado, nem sequer um claro objectivo.

E' o grande defeito de todos aqueles que lutam, sem saberem com certeza... o que querem.

Porém a corrente mais forte, mais coesiva e menos irrequieta é a federalista. Agasalha no seu seio, com effeito, a grande massa do clero, dos dirigentes e do povo que se dá ao trabalho de pensar por cabeça própria.

As reclamações que fazem não vão, pelo momento, tão longe, se bem que já se ouve falar na organização do projectos dum estatuto federal da Bélgica. Tal projecto, de difficil elaboração e, talvez, de mais difficil realização, satisfaria por algum tempo o movimento flamengo. Não tardariam, contudo, as vozes que acobimassem de traidores à Flandres os organizadores de tal estado de coisas, que comprometteria para sempre a sonhada independência flamenga.

Por sua vez as correntes extremas, que reclamam a destruição da Bélgica, menos facilidades terão de verem realizados os seus macabros ideais.

A Bélgica é, sem dúvida, uma ne-

cessidade internacional. A guerra deu-lhe foros que antes não tinha.

Por no seu lugar uma Flandres e uma Valónia independentes, saídas duma luta de desconfiança mútua, seria quebrar o equilibrio -- se assim se pode chamar -- entroupeu e excitar as cubiças das potências, que tratariam de puchar a brasa para a sua sardinha.

A anexação à Holanda tem aspecto duma engenhosa utopia. Estaria, aquelle país protestante na disposição de ver aumentar-se a sua população com quatro milhões de católicos?

Supportariam complacentes as nações da Europa o crescimento do território francês com a metade da Bélgica?

Seria exigir de mais neste século de tantos sonhos de paz...

Sem dúvida, a grande dificuldade para o programa -- passe a expressão -- do extremismo é o estrangeiro.

E' por isso que o movimento extremista reveste a camisa branca duma grande loucura de destruição, sem esperanças fundadas duma grande e sólida reconstrução.

Em que se resolverá, a-final, a tempestade? Não o sabemos ao certo. Nem ninguém o sabe!

O movimento extremista foi condemnado pelos Bispos. Isto não obsta a que no Parlamento tenham doze encarniçados representantes, nem a que muitos católicos prometam elevar este número a vinte e quatro, nas próximas eleições se os ânimos não se acalmarem até lá. (E' sempre a mísera peste dos católicos que só o são ao domingo!)

Mas, inevitavelmente, toda a obra demolidora deve conduzir a um fim.

E' este fim há de traduzir-se, mais cedo ou mais tarde, numa fórmula de realidade. Esta apparece-nos mais viável no federalismo.

E' que o entusiasmo tem um tal rubro e o vento do nacionalismo sopra tão rijo, que será bem difficil conter nos justos limites o caudaloso rio flamengo.

Se o estado belga tivesse ouvido a voz da razão no seu devido tempo...

Se os flamengos de expressão francesa tivessem em 1850 tomado a direcção do movimento em lugar de engrossarem com toda a espécie de injustiças e inconveniências, talvez nunca a Flandres se julgasse ameaçada pela Bélgica, nem o flamingantismo teria assumido porporções tão inquietantes.

Bem avisada andou a Igreja, que condemnando o que condenável é, não comotou a insensatez dos espiritos chamados liberais ou livres que se tem oposto ferozmente às justissimas aspirações da alma da Flandres.

Quem primeiro viu bem, viu claro e viu ao longe foi, com effeito, o Episcopado que, de há muito, vem dando, na medida das suas possibilidades, plena satisfação às reivindicções da Flandres sa o senata.

Ah! se a história se fizesse sempre imparcialmente, mesmo entre nós...

A. P.

275